



REVISTA HOMEM, ESPAÇO E TEMPO

Revista do Centro de Ciências Humanas - CCH
Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA

A VIDA COTIDIANA DE TORITAMA (PE): AS RELAÇÕES DA PARTE E DO TODO

DAILY LIFE IN TORITAMA (PE): THE RELATIONSHIP BETWEEN THE PART AND THE WHOLE

LA VIDA COTIDIANA DE TORITAMA (PE): LAS RELACIONES DE

Artigo recebido: 01/05/2025

Artigo aceito: 15/06/2025

LA PARTE Y EL TODO

Mikael Rodrigues¹

RESUMO

Os acontecimentos da ordem da vida cotidiana, como a familiaridade, a rotina, os hábitos e os costumes estão presentes na particularidade espacial vivida pelos sujeitos, muitas vezes, são entendidas de forma descolada da totalidade da reprodução do capital. Nesse sentido, temos como objetivo realizar um diálogo entre a particularidade e a totalidade desse processo, utilizando como mediação a noção de *vida cotidiana*. Para isso, vamos analisar as especificidades da cidade de Toritama (PE), situada no agreste pernambucano, que vem passando por transformações profundas no que diz respeito a sua vida cotidiana devido à instalação de pequenas fábricas de *jeans* nas casas. A partir dessa particularidade, apontamos que as suas situações histórico-geográficas – a extensão do mundo da fábrica para a vida cotidiana - que se repetem em muitas outras espacialidades.

Palavras-chaves: vida cotidiana; Toritama (PE); particularidade e totalidade.

ABSTRACT

The events of everyday life, such as familiarity, routine, habits and customs are present in the spatial particularity experienced by the subjects, and are often understood in a detached way from the totality of the reproduction of capital. In this sense, we aim to create a dialog between the particularity and the totality of this process, using the notion of everyday life as a mediation. To do this, we will analyze the specificities of the city of Toritama (PE), located in the agreste region of Pernambuco, which has been undergoing profound transformations in terms of its daily life due to the installation of small jeans factories in homes. From this particularity, we point out that their historical-geographical situations - the extension of the factory world into everyday life - which are repeated in many other spatialities.

Keywords: Everyday life; Toritama (PE); particularit and totality.

¹ Universidade de São Paulo – USP. E-mail: mikaelgeo@gmail.com

RESUMEN

Los eventos de la orden de la vida cotidiana, como la familiaridad, la rutina, los hábitos y las costumbres están presentes en la particularidad espacial vivida por los individuos, muchas veces, son entendidas de manera apartada de la totalidad de la reproducción del capital. En este sentido, pretendemos dialogar entre la particularidad y la totalidad de este proceso, utilizando como mediación la noción de la *vida cotidiana*. Para esto, vamos a analizar las especificidades de la ciudad de Toritama (PE), ubicada en la región rural pernambucana (conocido localmente como agreste), que han pasado por las transformaciones profundas con respecto a sus vidas cotidianas debido a la instalación de pequeñas confecciones de *jeans* en las casas. Tomando en cuenta esta particularidad, señalamos que sus situaciones histórico-geográficas – la extensión del mundo de la fábrica para la vida cotidiana – que se repiten en muchas otras espacialidades.

Palabras claves: vida cotidiana; Toritama (PE); particularidad y totalidad

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto do curso de extensão intitulado “A cotidianidade como análise geográfica do vivido”, que aconteceu nos dias 13, 14 e 15 de fevereiro de 2023, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Esse curso reuniu pessoas de diversas regiões do Brasil, possibilitando, a partir da obra de Henri Lefebvre, pensarmos as semelhanças e diferenças das particularidades das formas de vida.

O objetivo desse curso foi construir mediações teórico-conceituais a respeito das múltiplas escalas da vida cotidiana e as suas relações com a particularidade e com a totalidade do processo que a envolve. Tendo isso em vista, nessa ocasião, os participantes relataram situações de suas pesquisas e vivências, relacionadas ao transporte público, ao trabalho *on-line*, à produtividade acadêmica e aos ritmos da metrópole, por exemplo, que evidenciavam como a naturalização dos ritmos de trabalho invade a vida cotidiana em diversos níveis.

Esse exercício enriqueceu o debate a respeito da *vida cotidiana*, uma vez que tais situações vividas estavam – e ainda estão – acontecendo em diferentes partes do território brasileiro. Isso proporcionou o exercício de traçar os nexos que envolvem essas diferentes vidas cotidianas, debatendo as suas complexidades e as aparentes simplicidades com as quais se apresentam e se realizam na vida cotidiana; assim, elucidando elementos que acontecem na particularidade e suas relações com totalidade da reprodução do capital.

Uma das principais características da vida cotidiana é o uso do tempo. Existe o tempo do trabalho, do lazer, da natureza, da casa, do descanso e o tempo da fábrica e/ou do chão da fábrica. Às vezes, diferentes tempos coabitam a mesma particularidade espacial. As relações de trabalho, por exemplo, invadem o tempo de lazer quando o tempo de descanso é capturado pelo trabalho *on-line*. Assim, na vida cotidiana, esses tempos se confundem e/ou podem ser alterados pela compreensão espaço-tempo, como afirma Harvey (2009).

A VIDA COTIDIANA DE TORITAMA (PE): AS RELAÇÕES DA PARTE E DO TODO

Revista Homem, Espaço e Tempo, n° 19 volume 1, ano 2025, p. 114-128. - ISSN: 1982-3800



É nesse sentido que iremos situar o debate na análise da vida cotidiana da cidade de Toritama, em Pernambuco. Localizada no agreste pernambucano, a espacialidade dessa cidade carrega consigo características naturais e culturais peculiares. Mesmo assim, a vida cotidiana de sua população foi transformada, conforme abordado no documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”², produzido por Marcelo Ferreira de Oliveira Gomes.

No documentário, é apresentada uma realidade consequência da transformação da vida devido à produção de *jeans* na *vida cotidiana* daquela cidade. O ritmo acelerado da produção faz com que os sujeitos trabalhem nos períodos da manhã, tarde e noite ganhando cerca de 0,20 centavos pela costura do bolso de uma calça *jeans*. Com isso, são implantados uma lógica e um ritmo de trabalho que invadem e transformam a *vida cotidiana* e o uso do tempo, incluindo a escala da casa.

Sem a pretensão de esgotar a temática do tempo e da vida cotidiana, iremos dialogar com a escala do corpo (Harvey, 2009) e a escala da casa (Smith, 2000). A tese de que o corpo é a medida de todas as coisas, cunhada por Harvey (2009), demonstra que podemos medir o tempo de trabalho, lazer, descanso, convivência e familiaridade a partir da escala do corpo. Além disso, também é possível mensurar em que medida esses tempos se interpenetram, já que o corpo é a medida de todas as coisas.

Nesse sentido, é possível afirmar que as fábricas de *jeans* invadiram as escalas da casa e do corpo da população da cidade de Toritama (PE), ao transformarem quintais, quartos, casas e garagens em pequenas fábricas chamadas de “facções”. Não só isso, alteraram substancialmente o ritmo da vida cotidiana, agregando os pequenos momentos da vida ao ritmo acelerado da reprodução das relações sociais de produção.

A primeira seção deste artigo intitula-se “*Uma aula ou uma discussão de método?*” e tem a finalidade de discutir a particularidade e a totalidade de maneira elucidativa³. A partir de situações que acontecem em sala de aula, apresentamos a simples questão: “É gol ou não é gol?”, essa pergunta permitirá uma reflexão sobre a *parte* e o *todo* na medida em que os questionamentos forem se desdobrando. Com isso, visamos instigar a reflexão do leitor a respeito da soma das vidas cotidianas que coexistem na mesma particularidade espacial, mas com diferentes maneiras de usar o tempo; isto é, os tempos e ritmos diversos que coexistem em uma espacialidade interpenetram-se e se desenvolvem mutuamente.

² *Estou me guardando para quando o carnaval chegar*. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão, João Vieira Jr. Brasil: Vitrine Filmes, 2019. 1 DCP (85 min).

³ Poderíamos discutir isso, como fizemos no curso citado, a partir do debate de Henri Lefebvre (1969) no seu livro “A lógica forma/lógica dialética” e de Sandra Lencioni (1999), em sua obra “Região e Geografia”. A partir dessas obras, debatemos os métodos da particularidade e totalidade da construção conceitual na geografia, apontando a noção de *conhecimento cotidiano* como uma mediação da forma e conteúdo, da parte e do todo que envolve a vida cotidiana. Porém, o nosso objetivo neste artigo, é deixar palatável uma reflexão sobre as relações da *parte* e do *todo* que costumam as formas de vida cotidiana.

Esta exposição tem o objetivo de demonstrar alternativas para analisar as transformações da *vida cotidiana* em Toritama (PE), mesmo que a particularidade espacial desse local carregue consigo características naturais e culturais muito diferentes. Com isso, chegaremos, a partir dos conteúdos da *vida cotidiana*, à compreensão de que a vida pode estar sendo produzida, ao passo que carrega consigo singularidades espaciais e que, mesmo muito singulares, existem nexos com a totalidade da reprodução das relações sociais de produção, as quais podem estar se repetindo em inúmeras particularidades espaciais. Assim, compreenderemos a vida cotidiana nas interlocuções existentes imediatamente na espacialidade da vida e na tentativa de sua homogeneização ditada pela reprodução do capital.

UMA AULA OU UMA DISCUSSÃO DE MÉTODO?

O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo.
Gregório de Matos.

Em um dia comum, o professor de geografia entra em sala, apaga os comentários que estão na lousa – geralmente oriundos da aula de matemática – e pede para que os alunos coloquem o caderno de geografia sobre a carteira, pois irá dar início à aula. Tal professor é conhecido pelos desenhos de mapas que tentava reproduzir, mas que muitas vezes geravam questionamentos dos alunos de se o que estava desenhado era um mapa do Brasil ou um brócolis. Entretanto, o que ele desenha dessa vez é um enorme campo de futebol e uma bola na linha do gol. Nessa linha, uma pequena parte da bola está dentro do gol e o restante está fora dele.

Nesse momento, instala-se uma tensão no ambiente da sala e os alunos curiosos perguntam ao professor o que é aquilo. O professor simplesmente responde que era um campo de futebol, mas, mesmo assim ficaram concentrados e ansiosos à espera do que iria acontecer. O professor aproveita esse momento para dizer que vai fazer uma dinâmica diferente com eles, e que, inicialmente, contará uma história, fazendo, em alguns momentos, perguntas para eles.

Visto que os alunos concordaram com os acordos, o geógrafo pediu muita atenção e iniciou o primeiro movimento da pergunta: “imaginem que estamos assistindo a um jogo de futebol do time do Platão contra o de Aristóteles. Esse jogo acontece em uma final de campeonato e permanece empatado até os últimos minutos do segundo tempo. Aos quarenta e

cinco minutos do segundo tempo, Platão chuta de fora da grande área, a bola vai em direção ao ângulo do gol do time adversário, bate no travessão, desce em direção à linha do gol, e, nesse momento, uma pequena parte da bola entra, mas a maioria dela está na linha e, assim, fora do gol. Sendo assim, foi gol ou não foi gol?”.

Nesse momento, aqueles alunos que acompanham futebol gritam com uma enorme convicção: “NÃO É GOL!!!”. O professor, então, pede atenção à pergunta e a enfatiza: “E aí, foi gol ou não foi gol?”. A pequena parte da turma que não acompanha esse esporte fica sem saber o que responder, mas seguem a convicção daqueles que responderam veementemente. O professor, tentando instigar um raciocínio diferente, pergunta novamente se foi gol ou não, e, mais uma vez, a maioria dos alunos fala que não foi gol e os demais ficam em silêncio.

O geógrafo pergunta por que não foi gol e os alunos, seguros de si, respondem: “Para ser considerado gol, a bola precisa ultrapassar completamente a linha para dentro do gol”. “Mas quem diz isso?”, pergunta o professor, ao passo que os alunos respondem: “o juiz seguindo as regras da FIFA”, referindo-se à Federação Internacional de Associações de Futebol. Esse argumento convence aqueles alunos que não acompanham de perto o futebol ao ponto de serem conhecedores das regras do jogo, e, portanto, concordam com o posicionamento de que não foi gol.

O professor reitera que irá repetir a história, mas agora devem imaginar que a regra da FIFA não existe. “Imaginem que estamos assistindo a um jogo de futebol do time do Platão contra o time de Aristóteles. Este jogo acontece em uma final de campeonato e permanece empatado até os últimos minutos do segundo tempo. Até que, aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, Platão chuta de fora da grande área, a bola vai em direção ao ângulo do gol do time adversário, bate no travessão, desce em direção à linha do gol, e, nesse momento, uma pequena parte da bola entra no gol e a maioria dela fica na linha e, assim, fora do gol. Sendo assim, foi gol ou não foi gol?”.

No ambiente da sala instala-se uma tensão. O abstrato das relações cognitivas dos alunos pensando sobre a pergunta sem ter a regra como referência se torna visível. Alguns alunos fissurados em futebol, nesse momento minoria da turma, mantêm o seu argumento embasado nas regras da FIFA. Por outro lado, uma parte considerável da turma começa a argumentar que foi gol, pois uma parte da bola está no gol. Por fim, uma outra parcela da turma diz que não foi gol porque a maior parte da bola está fora dele.

Nesse sentido, alguns alunos, para sustentar os seus argumentos, resguardam-se nos cálculos matemáticos para dizerem: “se mais de 50% da bola estiver dentro do gol, é gol! Se não, não é gol”. Todavia, outro grupo de alunos questiona que a pequena parte da bola que entra no

gol é bola tanto quanto a maioria dela; portanto, é gol. As problematizações se capilarizam e mobilizam todos os alunos da turma. Cada um deles tentando demonstrar os seus argumentos do porquê é ou não é gol. Muitos deles mudam de ideia ao longo da discussão em sala.

Aproveitando o momento da aula, o professor novamente pede atenção para conduzir os alunos para os estágios finais das problematizações e diz: “quando iniciamos com as regras da FIFA, a maioria de vocês falou que não era gol. Em seguida, sem a existência dessas regras, vocês começaram a questionar se era gol ou não, e cada um apresentou as suas hipóteses. Notem que tanto o que eu perguntava como o que vocês respondiam estava em torno de ‘parte da bola está dentro do gol e parte dela está fora do gol’. Então me parece que estão pensando que o todo é a bola e a parte é o que está dentro do gol. Certo?”. Os alunos respondem que sim. “E parte da bola está dentro do gol e parte dela está fora. Correto?” Novamente o professor pergunta. “Sim, correto!”, os alunos respondem de maneira confiante. Sendo assim, o professor realiza a terceira e última pergunta: “se parte da bola está no gol e parte da bola está fora do gol: *é a parte que faz parte do todo* ou o *todo que faz parte da parte*?”.

Nesse momento, os alunos ficam abismados e dizem que não estão entendendo a pergunta; porém, alguns começam a pensar sobre a parte e o todo da bola e falam que é a parte que constitui o todo, pois a parte da bola que está dentro do gol constitui o todo que é a bola, e, portanto, é gol. Outros falam o contrário, que é o todo que constitui a parte, haja vista que a bola é um todo e não só uma parte dela.

A partir daí instala-se um debate generalizado na turma entre os alunos, cada um tentando fundamentar a sua hipótese sobre a questão. Alguns argumentos usaram exemplos sobre a parte e o todo para ilustrar a sua linha de raciocínio. “Imaginem uma pizza. A pizza inteira é o todo, mas quando comemos um pedaço dela, esse pedaço é uma parte do todo. Sendo assim, é a parte que faz parte do todo!”, diz uma aluna. Outro aluno contra-argumenta falando: “quando tiramos um pedaço da pizza não a colocamos completamente na boca; portanto, a mordida do pedaço da pizza é uma parte da parte do todo que é a pizza. Então acho que o todo é formado por várias partes”.

Para aproveitar a fertilidade cognitiva deste momento da aula, em que todos os alunos se encontravam mobilizados nas problematizações da análise da parte e do todo do processo, o professor pede para os alunos pensarem que a bola usada inicialmente nas primeiras perguntas é a Terra e, a partir disso, construíssem exemplos sobre a parte e todo.

Diante disso, os alunos elaboraram exemplos como: “a Terra é o todo, mas o Brasil é uma parte desse todo”. Uma aluna completa: “o estado de São Paulo é uma parte dessa parte que é o Brasil; portanto, o Brasil, nesse ponto de vista, torna-se um todo”. “Mas e as pessoas, elas

são, a parte ou o todo?”, questiona o professor. A grande maioria da turma fala que as pessoas são pequenas partes de um todo, que é a Terra. Um aluno levanta a voz e diz: “cada pessoa é também o todo!”. Nesse momento a turma ri.

O sinal da escola toca e finda-se a discussão de método. O professor começa a organizar as suas coisas, o debate em sala continua e, quando estava saindo, uma aluna pergunta: “professor, mas o que é mesmo: é a parte que faz parte do todo ou o todo que faz parte da parte?”. Sorrindo, o professor responde “não sei” e vai embora.

Cabe às intenções do leitor avaliar e seguir a partir daqui com o que convém: “*Uma aula ou uma discussão de método?*”. Essa história não é hipotética, realmente acontece há 4 anos em sala de aula. Nasceu a partir da tentativa agregar níveis de abstrações às compreensões dos alunos, visto que partindo de um contexto familiar a muitos – um jogo de futebol – a mobilização acontece quase que instantaneamente. Mas, o que a princípio era uma aula, percebi que o movimento da pergunta central da problematização – *é a parte que faz parte do todo ou o todo faz parte da parte* - pendurava ao longo dos corredores e outros conteúdos trabalhados em sala de aula. A globalização, aspectos culturais, climáticos e crédito de carbono, levam os alunos a pensarem que o problema acontece na particularidade espacial, mais que faz parte da totalidade do processo que o envolve no contexto mundial. É nesse sentido que uma aula despretensiosa se tornou em uma discussão de método. Em outras palavras, foi dessa maneira que uma aula se tornou em uma forma de analisar a realidade.

A PARTE E O TODO DA VIDA COTIDIANA EM TORITAMA (PE)

Uma prática comum ao analisar a vida cotidiana é descrevê-la a partir das condições vividas. Isso pode ser feito por meio do registro de paisagens, do número de pessoas, como elas vivem, seus estilos, hábitos, costumes, culturas, músicas, ambientes públicos, festas e inúmeras outras situações. Partir do imediato concreto para estudar a vida cotidiana é algo recorrente; porém, nessa prática, há o risco de o pesquisador descrever situações de forma reducionista, com investigações restritas aos acontecimentos diários, sem conseguir, de fato, representar a totalidade do fenômeno.

Ao mesmo tempo, quando se pensa na vida cotidiana do ponto de vista da homogeneização das relações sociais capitalistas, é possível observar que ela se desenvolve, de forma similar, em todos os espaços onde o capitalismo se capilariza. Embora temas como a reprodução do capital, as relações sociais de produção, o trabalho e a propriedade privada, em suas dimensões abstratas, sejam capazes de alcançar uma investigação em sua totalidade, o

pesquisador torna-se propenso a construir compreensões generalizadas, desconsiderando as particularidades espaciais, que são determinantes para a vida cotidiana. Por isso, o concreto da vida cotidiana, ao chegar à escala do corpo, é uma síntese de determinações abstratas que acontecem, constantemente, nas relações sociais imediatas da particularidade espacial.

A particularidade e a totalidade da análise da vida cotidiana passam pela espacialidade de seu fenômeno. A vida cotidiana, em sua relação com a cotidianidade, emerge como noção espacial para investigar os conteúdos da vida e alçá-los ao que é característico da totalidade do processo. A vida cotidiana, nesse sentido, constitui-se como materialização da produção social que se realiza na espacialidade, produzindo formas e estilos de vida, costumes e cultura. A partir disso, surgem as determinações do imediato da espacialidade (história, clima, vegetação, cultura) em diálogo com a totalidade da reprodução das relações sociais de produção⁴.

Tendo isso em vista, nas últimas décadas, instalaram-se em Toritama (PE) fábricas de produção de *jeans*. Inicialmente, essas fábricas visavam suprir a necessidade tanto de oferta de trabalho como de mercadorias fornecidas no mercado local, com a venda do *jeans* nas feiras livres. Todavia, posteriormente, não só isso, essa instalação adquiriu capilaridade nas relações internas da cidade, aumentando a produtividade de *jeans*, e se tornou uma das referências no fornecimento deste produto no cenário nacional.

Além disso, do ponto de vista da vida cotidiana dos sujeitos de Toritama, a vida foi transformada. A indústria de *jeans* se capilarizou ao ponto de tornar garagens, quintais e casas – isto é, o ambiente privado da reprodução da vida – locais que acomodam as pequenas fábricas, chamadas de “facções”.

Em cidades pequenas, geralmente interioranas, com ritmo lento e bastante tempo livre, existe um hábito de colocar cadeiras nas calçadas e esperar o tempo passar. Esse momento é marcado pelo descanso, conversas, cafés, bolos e brincadeiras de crianças. Com a chegada das fábricas de *jeans*, o uso do tempo das atividades domésticas, o tempo de descanso e da socialização em família, como acontecia na calçada no final da tarde, foi substituído pela submissão real ao capital.

Acerca disso, em seu documentário, Marcelo Gomes também mostra que o último estágio da produção do *jeans*, a limpeza dos fios soltos, é um trabalho realizado nas calçadas, capturando o momento da espontaneidade e do tempo livre e inserindo-o nas produções das relações sociais

⁴ O estudo da cotidianidade e da vida cotidiana faz parte do momento da tríade cotidiano, cotidianidade e vida cotidiana. O movimento dessa tríade está presente em nas pesquisas (Araujo, 2020, 2021, 2022, 2024). Nelas, demonstramos que o cotidiano se situa na tendência à homogeneização do modo de vida capitalista, e a vida cotidiana na dimensão privada, mais próxima dos sujeitos sociais, mas que não pode ser entendida como um nível exclusivamente individual. É nesse sentido que iremos tecer algumas outras relações para podermos analisar a espacialidade da vida cotidiana em diferentes escalas históricas, neste caso, em Toritama, Pernambuco.

necessárias para o capital; inserindo também aqueles vizinhos que estão fora das facções de *jeans* nessa lógica. Dessa maneira, as espontaneidades e grandezas cotidianas passam a ser cada vez mais raras, fragmentando-se internamente na escala da casa, alterando a sociabilidade espontânea da calçada e inserindo-a de maneira sensível e perversa no processo da lógica do trabalho informal⁵.

A vida cotidiana possui uma relação interna e externa com os corpos que a vivenciam. Ela faz-se nas ações do dia a dia, como comer, dormir e sonhar, além de outros elementos, como nas relações sexuais, na diversidade de gênero, nos limites da visão binária de sexo – homem ou mulher. Assim, os aspectos que nos mantêm em movimento na *vida cotidiana* existem de diversas maneiras e com diferentes corpos.

A partir disso, Smith (2000, p. 145) destaca que tanto a casa – aqui no sentido de lar – quanto o lugar da reprodução pessoal e familiar: “[...] é uma localização física e talvez uma estrutura, permanente ou temporária. Os atos rotineiros de reprodução social – comer, dormir, fazer sexo, limpar, criar filhos – estão baseados (mas não são exclusivamente praticados) no lar e em torno dele”. Portanto, antes da escala da casa, a escala do corpo é o local físico primário da identidade pessoal, visto que é ele que “marca a fronteira entre o eu e o outro em um sentido tanto físico quanto social, e envolve a construção de um ‘espaço pessoal’, além de um espaço fisiológico literalmente definido” (Smith, 2000, p. 145).

As fábricas – ou facções – de garagem e fundos de quintais de Toritama (PE) se tornaram um chão de fábrica onde o tempo de trabalho pode chegar a 15 (quinze) horas por dia. Quando há descanso, ele acontece por um curto período durante a noite e, em seguida, o tempo da produção é retomado.

Um dos curtos momento de descanso é capturado pelo documentário de Marcelo Gomes (2019) ao registrar o almoço. O barulho das máquinas de costura cessa e os poucos minutos de silêncio reinam na vida cotidiana no interior das facções, dando lugar à reposição da energia calórica necessária para retomar a produção de *jeans*. Isso faz lembrar a lógica de produção fordista de produzir o máximo em menor tempo possível, usando o máximo de tempo de vida extraída dos corpos dos trabalhadores para a produção de mercadoria.

Henri Lefebvre (1999, 1971) explica as fases por meio das quais a indústria induz a urbanização, que, por sua vez, induz a industrialização. No primeiro momento, a indústria instala-se em áreas rurais, aumentando o contingente populacional e acelerando a expansão do tecido urbano. No segundo, a dinâmica do urbano adquire autonomia, atraindo novas formas de industrialização e induzindo os conteúdos na vida cotidiana para além dos muros das fábricas.

⁵ Marcelo Gomes (2019) captura esse momento acerca das relações espontâneas da calçada aos 45 minutos do documentário.

Tendo isso em vista, é neste último momento que as facções se encontram. Como observamos em Toritama (PE), a lógica industrial se capilarizou pela vida, transformando casas, quintais e garagens em pequenas fábricas de *jeans*, incorporando o tempo de descanso ao tempo da fábrica, em que o ócio passou a ser mensurado pela quantidade de *jeans* que deixou de ser produzido.

Marx (2022, p. 81) escreveu sobre o controle do tempo na produção: “o capitalista zela para que o trabalhador não perca tempo e, por exemplo, em cada hora forneça o produto de uma hora de trabalho, e para fabricar um produto utilize o tempo médio de trabalho necessário”. Diante disso, o tempo de trabalho médio foi potencializado da época de Marx para hoje, sendo o caso de Toritama algo que demonstra esse processo, uma vez que os corpos trabalhadores não precisam se deslocar até o local de trabalho.

Além disso, o contrato entre empregador e empregado por um salário também se tornou desnecessário, visto que os trabalhadores se sentem donos do próprio negócio. Assim, isso nos faz pensar se as relações sociais de trabalho se generalizam pela espacialidade da cidade de Toritama (PE) e se se capilarizam pelas formas de vida produzidas por esse processo.

Lefebvre (1991 [1968]), ao analisar a vida cotidiana na França, por exemplo, escreve que a escala da casa envolve as relações privadas da família, o local que deveria ser destinado ao descanso, às festas, às familiaridades, às celebrações e à vizinhança. Entretanto, destacou que a forma de reprodução da vida se diferenciava conforme as funções de produção e de classes sociais.

Diante disso, Lefebvre (1991 [1968]) aponta que o camponês, o trabalhador fabril e o burguês, por exemplo, diferenciam-se pelo modo de pagamento e/ou recebimento de salários referentes a suas respectivas formas de produção, ou trabalho. A respeito das formas de vida do camponês na França, Lefebvre (1991) destaca que eles dispõem de pouco dinheiro, mas as produções *in natura* são organizadas, algumas vezes, em prol das grandezas da vida cotidiana. Segundo o autor, “as provisões *in natura*, sem sementes, em conservas, constituem um fundo que o camponês gasta às vezes atirando-as no turbilhão da Festa” (Lefebvre, 1991, p. 42).

Isso nos leva a compreender, portanto, que o camponês vive em uma economia mais propensa a uma relação próxima da primeira natureza, das relações com o tempo da chuva, do crescimento e da colheita, tornando mais explícito o vínculo da natureza universal com o homem. Os rendimentos são gerenciados na divisão da manutenção da casa e da terra e a acumulação do capital. É necessário, para reinseri-lo, a produção de sementes para cultivo e conservas, dentre vários outros elementos, que podem ser utilizados no plantio.

Além disso, quando chegar o período do ano mais propício para a festividade e colheita, apesar de atualmente existirem diversas atividades que extrapolam essa relação próxima dos homens com a primeira natureza, sementes serão destinadas ao plantio e às festas. Acerca deste último momento, inclinado às *grandezas cotidianas* – como, por exemplo, os encontros, as reuniões, as festas etc. –, Lefebvre demonstra a existência de diferentes relações sociais presentes na *cotidianidade*, com seus próprios elementos econômicos e sociais que refletem uma relação próxima ou direta com a natureza.

É a partir disso que pensamos no caso de Toritama. Uma cidade localizada no agreste pernambucano, onde as relações homem-natureza acontecem de maneira simultânea, levando em consideração os fenômenos urbanos que estamos aqui destacando. Gomes (2019) aborda o único guardador de rebanho que viu por Toritama, o qual narra que a falta de chuva o faz caminhar léguas para encontrar um pasto para os bodes, visto que o calor é tão intenso que até mesmo os bodes procuram abrigo embaixo de uma sombra.

Além disso, o guardador também comenta sobre as transformações que aconteceram antes e depois da chegada da produção de *jeans*. Ele descreve que outrora as pessoas viviam da agricultura e da criação de rebanhos, mas que, depois da produção do *jeans*, o tempo e a vida das pessoas passaram a girar em torno de ganhar dinheiro⁶. Isto é, o tempo do dinheiro, de ganhar e reproduzir o pouco que se ganhar nas condições que discutimos até este ponto do trabalho.

Simultaneamente a isso, além das casas que se transformaram em facções de confecção, existe o trabalho repetitivo das máquinas de costuras. Entretanto, na espacialidade rural de Toritama, realizam-se outras formas de trabalho, em outro ritmo e tempo de produção, mais vinculadas à natureza. O tempo de plantio e a espera pela chuva milagrosa; a torcida pelas cheias do rio Capibaribe e as festividades que podem acontecer devido a elas são elementos que demonstram que o ritmo de trabalho dessa cotidianidade externa à casa se realiza em um ritmo diferente da lógica neoliberal das facções da cidade.

Além disso, precisamos considerar as relações familiares e outras relações próximas que os camponeses desenvolvem e festejam. Essa participação acontece de forma direta ou indireta, pois atuavam na no conjunto da preparação e realização da festa, por exemplo, recolhendo doações de casa em casa (dinheiro, ovos, farinhas, açúcar etc.). Além disso, também contribuíam com a comunidade, apesar de se distanciarem dela e arriscarem interromper o curso normal e fértil da natureza e da vida humana, do ponto de vista das relações de vizinhança.

⁶ Esse cenário pode ser assistido no intervalo de 38 min a 41min do documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”.

Quando essas festas aconteciam, os camponeses recebiam, gentilmente, as pessoas, convidadas ou não, comiam e bebiam à vontade, sem limites ou regras, consumindo os produtos que levaram meses para produzir, apenas aproveitando aquele momento. Em outras palavras, durante a festa, eles tinham a possibilidade de negar as suas condições materiais de trabalho, aproveitando a comemoração com abundância e sem restrições.

Diante disso, em se tratando de Toritama, os trabalhadores e aqueles que se julgam donos das facções festejam ou têm um desejo de festejar uma vez por ano. Ao nosso ver, esse ponto consiste no tema principal do documentário “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, cujo título carrega a ideia e o desejo daqueles que passam o ano inteiro esperando o carnaval.

Esse documentário produzido por Marcelo Gomes (2019) relata o desejo dos trabalhadores de irem ao carnaval, mesmo que, para isso, passem o ano trabalhando, submetendo-se a grandes jornadas de trabalho para ganhar 0,20 centavos pela costura de um bolso. Tudo isso é feito na intenção de tentar poupar algum dinheiro para passar o carnaval na praia.

Ao final do longa-metragem, é mostrado o desespero daqueles que não conseguiram acumular recursos suficientes para ir ao carnaval, mas que, para participar desse momento de festa, uma semana antes do carnaval, começam a vender máquinas de costuras – seu meio de produção –, além de mesa, cadeira, sofá, bebedouro, moto, televisores, geladeiras, cama, micro-ondas e outros bens para conseguir dinheiro para ir ao carnaval. Isso demonstra que o nível de proletarianização também pode chegar à escala da casa por meio da venda de utensílios básicos da reprodução da vida para realizar o desejo de festejar, condição que não foi possível adquirir por meio da forma de trabalho das facções de produção de *jeans*⁷.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo centrou-se na análise do processo de produção das relações sociais em torno da forma de trabalho das fábricas de *jeans* e o desejo de ir à praia no carnaval. Vimos, portanto, que as situações particulares que se passam nas casas de Toritama (PE), cidade envolta na produção do *jeans*, espelha a lógica neoliberal de produção de mercadoria, de formas de trabalho e da reprodução das relações sociais comuns a muitas outras localizações geográficas.

⁷ Marcelo Gomes (2019) registra esse desespero na vida cotidiana que antecipa o carnaval do momento 1h01 ao final do documentário, em 1h23.

A particularidade e a totalidade da vida cotidiana são mensuradas pelo que existe de comum na reprodução dessa vida. Na escala da casa, desde o sexo até os alimentos necessários para a subsistência passam a ser ditados pelo ritmo da fábrica de *jeans*, dessa vez, instaladas dentro do terreno da própria casa.

Tendo isso em vista, embora o nível do privado já esteja inserido na totalidade do processo da reprodução do capital por meio da TV e do Rádio e, mais recentemente, também pelos *smartphones*, o caso de Toritama (PE) abre nossos olhos para pensarmos sobre as relações de trabalho. Não apenas isso, faz-nos refletir sobre as relações de trabalho informal, tendo como narrativa o trabalho neoliberal e o ritmo da vida cada vez mais ditado pelo ritmo de fábrica.

Qual a diferença entre a lógica neoliberal das grandes empresas para a lógica de trabalho daqueles que montam um bar, uma loja de roupa, quitandas ou ainda lojas de revenda de cosméticos na escala da casa? Embora as diferenças devam ser consideradas, ambas as situações são pautadas em capturar os níveis sensíveis da escala da casa e do corpo, da familiaridade e da espontaneidade, das grandezas cotidianas e das afetividades e da totalidade da reprodução das relações sociais de produção.

Portanto, retomando a questão da bola no gol e respondendo à pergunta feita ao final da aula, a parte, afinal, é o todo, tal como o todo é a soma das partes. Diante disso, tomando a liberdade de concluir por meio de uma metáfora, podemos afirmar que os fios das relações sociais capitalistas, capilarizadas pelas formas de vida, entrelaçam-se e costuram as singularidades presentes na particularidade espacial de Toritama (PE), espaço que neste artigo analisamos.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, M. R. de. A composição teórico-conceitual do cotidiano nos PCNs e BNCC de Geografia: da palavra ao conceito geográfico. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n 103, jan.-jun. 2020. Disponível em: <<https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/195>>. Acesso em: 28 mar. 2022.

ARAUJO, M. R. de. A emergência e o avanço da discussão do cotidiano ao longo da década de 1990 na geografia brasileira. **Revista do**

ARAUJO, M. R. de. O conhecimento cotidiano e a cotidianidade. In: ARAUJO, Mikael Rodrigues de.; COSTA, Carlos Rerisson Rocha da.; OLIVEIRA, Erivaldo Costa de (Org.). **Currículo e ensino de geografia: métodos, conceitos e metodologias na prática de ensino**. Teresina-PI: EDUESPI, 2024, p. 159-176.

ARAUJO, M. R. de. **O cotidiano na produção bibliográfica da geografia brasileira: uma análise das produções de geógrafos e geógrafas a respeito do ensino de geografia**. 2021. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Departamento de Geografia, n 42, 2022, e186579. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.186579>. Acesso em: 28 mar. 2022.

Estou me guardando para quando o carnaval chegar. Direção: Marcelo Gomes. Produção: Nara Aragão, João Vieira Jr. Brasil: Vitrine Filmes, 2019. 1 DCP (85 min).

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. 3º ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. **Du rural à l'urbain**. Barcelo: Editions Anthropos, 1971.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos do sem-teto e produção de escalas geográficas. In: ARANTE, Antonio, A (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas-SP: Papirus, 2000, p. 132-176.